



VI SEMINÁRIO DE FILOSOFIA E SOCIEDADE:

Pensamento filosófico
em tempos de pandemia
03 a 09 de novembro

Um ensaio sobre filosofia (em tempos de pandemia)¹

Jéferson Luís de Azeredo²

Quando retomarmos questões como “o que é filosofia?” ou “o que faz a filosofia?”, adentramos numa discussão, uma das mais antigas e acirradas, que remota não só a tempos áureos dos gregos antigos, mas, sobretudo, aos espaços políticos e pedagógicos da nossa contemporaneidade, inclusive.

Mesmo retomando grandes obras, implícitas ou explícitas sobre o que é a filosofia e seus desdobramentos e atividades, como *O que é filosofia?*, de Deleuze, *Crítica da Razão Pura*, de Kant, *Apologia de Sócrates*, de Platão, e a lista continua... (vastamente), não poderíamos fechar numa única definição, talvez seja este o primeiro pilar conceitual para tecermos alguma consideração sobre o que é filosofia.

Não envergamos nossa resposta a uma relativização ou ceticismo, mas, partimos de uma base que procura estabelecer que, para qualquer pergunta que possa parecer relativa ao trabalho filosófico e que, porventura, contenha a conjunção “ou”, precisa deixar aparecer na resposta outra conjunção: “e”. Pois uma resposta se fecha no uso da conjunção “ou”, o que cai na já denunciada dicotomia.

E ainda, não se trata de um jogo irracional ou sem sentido, de uma ordem quase exotérica ou ainda metafórica, mas de assumir que o filosofar comporta estruturas da razão, bem como do sentir, da experiência, do tempo etc. E dessa ampla possibilidade, é capaz de transpor um sujeito (dis)posto a um *topós* de pensamento, e neste lugar específico, lhe dá capacidade de sondar possibilidades outras à vida e a si mesmo, principalmente.

De modo ensaístico, pensar na filosofia em tempos de pandemia envolveu aqui, necessariamente, um olhar sobre o que alguns filósofos oferecem(eram) como filosofia, ou seja, é primeiramente um se dispor a ouvir a filosofia existente, buscando, sobretudo,

¹ Texto apresentado como ensaio.

² Doutor em Filosofia pela UNISINOS. Professor de Filosofia na Unesc. jeferson@unesc.net

como foi dito em 2015 no evento *online* da UNESCO no Brasil, em celebração ao Dia Mundial da Filosofia, que teve como tema “Os desafios da filosofia para o século XXI”, de que a filosofia é uma resposta de valor, que precisa ser duradoura e está aberta para o “[...] desenvolvimento do pensamento humano para cada cultura e para cada indivíduo.” (p. 3).

Ou seja, se a filosofia convida a um “dispor-se” para as mesmas questões levantadas pelo homem na história, mas com um olhar relacional e dialógico mais ampliado, e sobretudo, como disse, neste mesmo evento da UNESCO, a diretora geral Irina Bokova, de que a filosofia pode “[...] dar uma contribuição essencial para o bem-estar humano, para abordar a complexidade e para promover a paz” (p. 4), é inegável que façamos filosofia sem esta premissa maior.

Observando algumas mudanças nas quais a filosofia participou/sofreu no ocidente, podemos destacar que a filosofia contribuiu exponencialmente, longe de ser expectadora, mas sim, protagonista em diversas cenas, nas quais não caberia aqui pontuar. Se nas ciências o crescente número de pesquisas e mudanças é exponencial, na filosofia também podemos perceber mais e mais pesquisas e produções. Esta é uma característica da nova época em que a tecnologia e a internet revolucionaram o “quanti” das operações e pesquisas.

Cabe problematizar se todo esse volume é da mesma proporção do “quali”, se de tudo que se faz o qualitativo se mantêm em conjunto, ou, seria “mais do mesmo?”. Deixamos esta questão para posteridade.

Em suma, o fato intelectual principal da presente era é que o conhecimento cresce. Ele cresce diária e cumulativamente. Conhecemos mais do que nossos avós conheciam; nossos filhos conhecerão mais do que nós conhecemos, e talvez, por assim em diante.

Será que em tempos de pandemia a filosofia vai ao encontro das grandes transformações e até, participa dos holofotes públicos e midiáticos se mantém sóbria e rigorosa, ou apenas continua contida, mas realizando seu trabalho?

Das mudanças paradigmáticas da filosofia, o que nos cabe dizer pelas pesquisas e experiências filosóficas que ninguém em outra área de saber poderia dizer?

Façamos um exercício de diálogo moderno, em que a filosofia “avança” e dialoga com os grandes avanços e dito “progresso científico”.

Resgatando diretamente a “era moderna” na filosofia, iniciada por volta do século XVII por Descartes, Bacon e outros, tínhamos uma premissa, que agora se tornou “obsoleta” para muitos, a “existência do conhecimento”. De modo geral, a principal tarefa do filósofo era a de enfrentar o problema do ceticismo, caracterizada essencialmente, por duvidar de todos os fenômenos que rodeiam o ser humano.

Descartes considerou que seu trabalho provia uma fundação segura para o conhecimento, e Locke, numa linha similar, pensou o seu Ensaio como uma investigação acerca da natureza e da extensão do conhecimento humano. Parece razoável, no século XVII, esses filósofos considerarem a epistemologia como o elemento central de todo o empreendimento filosófico, pois, por estarem no meio de uma revolução científica, a possibilidade simultânea de um conhecimento correto, objetivo e universal parecia problemática.

Por um longo tempo deste período, os paradoxos do ceticismo encontravam-se no coração do empreendimento filosófico. Somente se fôssemos capazes de responder ao cético, poderíamos ir além, na filosofia ou na ciência. Por essa razão, a epistemologia se tornou a base de muitas disciplinas filosóficas, por exemplo, no campo ético: “Existe uma crença ética suficiente e objetiva para nos guiar?”, ou na linguagem: “Qual o significado do que se diz, do que o outro me diz?”.

Mudamos para questões referentes à área Filosofia da Mente buscando sanar (em partes) tais questões. Poderia até ser uma questão central, pois focamos nos esforços do diálogo com áreas médicas, biomédicas, neurologia etc. Assim, muitas questões tradicionais passaram a ser “paradoxos epistêmicos menos discutidos”

Deixar algumas questões (o que não significa abandoná-las completamente) é pretender ir ao encontro de outras, e que também poderão nos ajudar mais e mais a responder tais “velhas” questões, como por exemplo, “como sei que o Sol irá nascer amanhã?”, “como eu sei que não sou um ‘cérebro de profeta’, e que não estou sonhando?”. Todas estas questões abriram possibilidades e nos colocaram e colocam em movimento o pensar, mas, outras, também precisam ocupar nossa atenção, ou ainda estaríamos atrelados a tais “velhas” questões, sem abrir outros espaços, tentando ainda, apenas resolver o paradoxo de Zenon acerca da realidade do espaço e do tempo. Obviamente é um paradoxo interessante, de pensar na possibilidade de ser capaz de cruzar o uma sala qualquer, por exemplo, se, primeiro, tenho que cruzar metade dela, mas, antes disso, metade da metade, e, ainda antes, metade dessa metade etc. Parece que eu teria que atravessar um número infinito de espaços, antes mesmo de começar, e que, dessa forma, o movimento seria impossível. Além de interessante, tal paradoxo é um bom exercício para os filósofos resolverem, porém ninguém duvida seriamente da existência do espaço ou da possibilidade de cruzar uma sala por causa especificamente desse paradoxo de Zenon. Analogamente, digo que ninguém deve duvidar da existência do conhecimento em virtude dos paradoxos do ceticismo.

Uma epistemologia do que poderíamos chamar de “epistemologia da vida real” vem sendo importante e se destaca, pois, por exemplo, diante de asserções da vida real, concorrentes sobre a causa e a cura da COVID-19, ou asserções comparativas sobre política monetária e política fiscal no gerenciamento da economia, é muito importante que insistamos em testes adequados e em sua verificação.

Se, como nos disse Thomas Kuhn, que há elementos irracionais no desenvolvimento de teorias, o que causa um “salto” aleatório de um paradigma a outro, quase sem objetividade, pois todas as asserções de conhecimento seriam neste caso perspectivas, pois são elaboradas a partir de certo ponto de vista, toda ciência seria apenas produzida em circunstâncias históricas, locais, e está sujeita a todas as restrições impostas por tais circunstâncias, o que não é de certo modo errado, até porque temos evidência disto.

Seria irracional duvidar que o rim tem a função de filtrar, ou o pulmão de absorver oxigênio, que a terra é oval, ou que a água é feita de dois hidrogênios e um oxigênio, pois são objetos pesquisados com justificativa, dados em epistemes teóricas conhecidas, como fisiologia humana, a teoria heliocêntrica, a teoria atômica etc. Mas, ao mesmo tempo, sempre é possível que haja uma revolução científica, que supere todas essas formas de pensar sobre as coisas, que tenhamos uma revolução comparável àquela na qual a revolução einsteiniana assimilou a mecânica newtoniana como um caso especial. Nada em qualquer estágio do conhecimento, apesar de certo, pode prevenir a possibilidade de revoluções científicas futuras. Essa condição de experimentabilidade e corrigibilidade não são um desafio para o pensamento, mas possibilidade real, da vida real.

Quais são as implicações disso para a filosofia?

Num primeiro momento, vemos uma diminuição quanto a questões clássicas da epistemologia (seguindo nossa área de exemplo aqui), ao menos de forma direta. Mas, essa espécie de “diminuição” acarretou num diálogo mais amplo com outras áreas, havendo inúmeras “parcerias”, especialmente com a mais visível ainda “crise” (se é que podemos chamar de crise) no século XX, com o “fim” da cultura humanista sendo relativizada e o ocaso das humanidades, dando lugar a uma cultura pragmatista e ao império das tecnociências (biotecnologia, junção de física e engenharia etc). Os resultados desse processo são bastante conhecidos: junto com a instauração do império das tecnociências, foi todo um novo modo de produzir conhecimento que veio ao mundo (laboratórios em rede, fusão da ciência com a indústria, taylorização do trabalho intelectual etc).

E segundo, com as outras disciplinas já instituídas, como podemos constatar desde as investigações de alguns filósofos que se familiarizam e muito com os especialistas das

suas áreas, por exemplo Filosofia da Mente (forte grupo de estudo na Unisinos-RS, por exemplo), ou ainda, sobre as inúmeras áreas que apareceram (grupos de trabalhos da Anpof – com 68 GTs ativos, como alguns recentemente organizados: GT Teorias da Justiça; GT Filosofia e Política; GT Mulheres na História da Filosofia; GT Ética e Cidadania; GT Filosofar e Ensinar a Filosofar; GT Filosofia da Mente e da Informação; GT de Filosofia da Neurociência, Cognição, X-PHI e Neuroética; GT Filosofia da Tecnologia e da Técnica; GT Filosofia das Ciências Formais; GT Filosofia e Direito; GT Filosofia e Gênero; GT Filosofia e Psicanálise; GT Filosofia na América Latina, Filosofia da libertação e Pensamento descolonial; GT Filosofia, História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia).

Novas bases epistêmicas, novas filosofias, amplos diálogos, etc, tudo isso levando também em consideração o sujeito, deixa aparecer uma filosofia que pode ir muito além de qualquer outra coisa imaginada pela filosofia da metade do século passado. Ela não começa com o ceticismo, mas com aquilo que todos nós conhecemos acerca do mundo real. A partir de fatos como aqueles determinados pela teoria atômica da matéria e pela teoria evolucionista da biologia, assim como aqueles tidos fatos do “senso comum” de que todos nós somos conscientes: possuímos estados mentais intencionais, formamos grupos sociais e criamos fatos institucionais. Uma filosofia como essa é teórica, ampla, sistemática e universal no que concerne ao seu objeto de análise.

Portanto, para uma filosofia em tempos de pandemia, podemos apontar que a um lugar não é exatamente o real ou o empírico, mas também o abstrato e o virtual, que se dão como lugares de questionamento, de desestabilização e de crítica, e como tal a um tempo conectado com o real (porém, o virtual, como aliás o pensamento, é real, e o real, virtual), perguntando por mundos possíveis, abrindo-se a fantasias e utopias, e resistindo enquanto pode às solicitações do cotidiano.

A filosofia na pandemia é muito mais presente, pois já estava no movimento do seu tempo, mais ainda focada em questões emergentes, questões que respondem à vida àquilo que é mais fulcral, mais vida.

Referências

SEARLE, J. **The construction of social reality**. 1995. New York, Free Press, 256 p.

SEARLE, J. **Intentionality**: An essay on the philosophy of mind. 1983. Cambridge, Cambridge University Press, 292 p.